

# ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

## SUMMARIO

ABDON MILANEZ. ....	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE . ..	A.
SÓ . . . . .	Martins Junior.
COISAS MIUDAS . . . . .	Cosme Vêlho.
LAVRAS FRIAS . . . . .	Valerio Mendes.
BLACK. . . . .	Arthur Azevedo.
O MISSAL. . . . .	Amarante.
ANTIGO THEMA. . . . .	A. Peres Junior.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO .	Alfredo Bastos.
THEATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

OLAVO BILAC

## ABDON MILANEZ

Filho legitimo do Dr. Abdon Felinto Milanez e de D. Gracinda Cotegipe Milanez, o auctor da *Donzella Theodora* nasceu, aos 10 de Agosto de 1858, na cidade de Areias, provincia da Parahyba.

Desde a mais tenra idade revelou grande vocação para a musica, mas o pae, que desejava fazer d'elle um engenheiro e não um artista, mandou-o para a Escola Polytechnica.

Quando, em Março de 1881, Abdon recebeu a sua carta de engenheiro-civil, já era um copioso fazedor de polkas e valsas, que a casa Bevilacqua imprimia a troco de qualquer coisa.

A principio os seus amigos suppozeram que, seduzido pela musica, elle abandonasse n'um canudo de lata o seu diploma scientifico, mas a vida tem exigencias terriveis: o engenheiro Abdon Milanez foi nomeado successivamente fiscal da Estrada de Ferro Conde d'Eu, auxiliar tecnico da Estrada de Ferro D. Pedro II, fiscal da Estrada de Ferro D. Thereza Christina, addido á fiscalisação dos bondes nesta cidade, e, por ultimo, official tecnico

da Inspectoria Geral das Terras e Colonisação, cargo que ainda occupa.

\*

De Abdon Milanez posso eu dizer o mesmo que disse, ha dias, neste mesmo periodico, de Assis Pacheco: nunca teve um mestre de musica! Aprendeu a tocar piano assistindo ás lições que um professor da Parahyba dava á sua irman!

Em 19 de Março de 1886 estreiou-se brillantemente, no theatro Sant'Anna, com a *Donzella Theodora*, opereta em 3 actos, que foi uma revelação e um triumpho. Escreveu depois, e fez representar no mesmo theatro, as seguintes operetas: *Heróe á força*, em 3 actos, *Pintar o padre*, em 1 acto, a *Dama de espadas*, em 3 actos, e, ultimamente, no theatro Apollo, o *Barbeirinho de Sevilha*, em 3 actos.

Para as revistas de anno o *Bilontra*, o *Carioca*, *Mercurio*, *Viagem ao Parnazo*, e outras, bem como para as magicas a *Corça do bosque*, a *Fada Azul*, o *Filho do Averno*, e ainda para outras muitas peças de generos diversos, escreveu Abdon muitos numeros de musica, que concorreram poderosamente para o bom exito de taes espectaculos.

Tomaria columnas do *Album* a simples nomenclatura dos romances, marchas, hymnos, elegias, nocturnos, cançonetas, valsas, polkas, quadrilhas e lundus que elle tem escripto e publicado nestes ultimos dez annos. E releva notar que ainda guarda alguma coisa inedita.

\*

E' um grande-trabalhador e compõe com uma facilidade inaudita. Eclectico e desorientado, umas vezes atira-se á escola franceza e outras á italiana, mas é, sobretudo, brasileiro, de um brasilerismo encantador e sincero. A sua musica — e d'isso podem dar testemunho todos os meus leitores fluminenses — agrada sempre, quer seja sentimental, quer seja alegre; o seu talento amolda-se egualmente ao comico e ao dramatico.

Os profissionaes mettem-lhe a catana: consideram-no um simples amator incipiente; mas o pu-

blico estima-o devéras, e applaude-o sempre com enthusiasmo. Abdon Milanez tornou-se um nome popular.

\*

O nosso *maestrino* parte hoje ou amanha para o velho mundo, em companhia de sua esposa e de seus filhos. Foi nomeado para exercer, em commissão, o logar de secretario da Superintendencia Geral de Immigração na Europa. Vae residir em Bruxellas.

Abdon Milanez só sabe, musicalmente fallando, o que não se aprende. Ora, em Bruxellas ha um Conservatorio de Musica de primeira ordem, onde, nas horas vagas, elle poderá, se quizer, aprender o que não sabe.

Não perca o nosso artista essa bella occasião de completar-se, e venha quebrar a castanha na boca dos profissionaes, seus patricios, que lhe mettem a catana.

A. A.

### CHRONICA FLUMINENSE

Continúa um grande movimento de philantropia em favor do Lyceu de Artes e Officios. Organizam-se bandos precatorios, festas, espectaculos, kermesses, etc. Os meus collegas Jovino Ayres, Osorio Duque Estrada e Alvares de Azevedo Sobrinho andam abaixo e acima, desenvolvendo uma enorme actividade nos preparativos do baile e tombola que se realisarão nos salões do club de São Christovam.

Valiosos donativos têm sido feitos para a reconstrucção da grande casa do povo. O almirante Jaceguay teve a boa ideia de fazer reverter para o Lyceu mais de cem contos de réis angariados para uma escola Deodoro, os quaes dormiam tranquillamente n'um Banco, á espera de applicação. Não a podiam achar melhor.

Uma alma generosa offereceu para o mesmo fim cinquenta acções do Banco Mutuo. Não tardam por ahí grandes remessas de *debentures* da Geral... A bondade humana é capaz dos maiores sacrificios!...

\*

Interessante, o caso do sr. Pintado!  
Leram?

O Sr. Pintado foi a um armarinho da rua do Senador Pompeu comprar um apito. Não ha nada mais innocente.

O Sr. Pintado comprou o apito; e naturalmente quiz experimental-o : levou-o á boca, e apitou...

O dono do armarinho, que é inspector seccional (leia-se «inspector de quarteirão») prendeu-o imme-

diatamente e mandou-o para o xadrez, onde o conservou detido quatro ou cinco dias!

Ora ahí está um inspector digno da nossa Policia ..

\*

Recebi as *Cambiantes*—contos, impressões de viagem, phantasias—, por Arthur Guimarães.

São cento e tantas paginas que se leem quasi de um folego, mas não deixam grandes impressões artisticas. Livrinho de moço, sympathica primicia, *hors d'œuvre*—quem sabe?—de um banquete que virá mais tarde... Pois venha!

\*

A Republica do Uruguay perdeu o grande poeta Magarinos Cervantes, ha poucos annos coroado na sua patria como Zorilla em Hespanha.

Nós perdemos o velho Sousa Fontes, professor illustre, clinico de grande reputação, medico do Imperador, honradamente sumido desde o 15 de Novembro.

\*

Tive eu tambem o meu luto, luto cruel, inesperado, trazido pelo telegrapho.

O morto chamava-se Victor Lobato. Era meu companheiro de infancia, o mais velho dos meus amigos, e, afinal, meu irmão, porque se casára com minha irman.

Tem direito a uma referencia nesta chronica, não pelos laços que nos prendiam, mas por ter sido o fundador da imprensa popular no Maranhão, por se ter batido valentemente, durante muitos annos, pela Verdade e pela Justiça, por ter representado o povo no congresso constituinte d'aquelle Estado.

Cahio aos trinta e nove annos...

Mas... para que lamentações? Quem poderá comprehender o meu profundo desgosto, assoalhado á ligeira n'um artigo leve e fugitivo?

Conserve o meu coração saudoso e magoado a memoria d'esse irmão querido, alma candida, espirito nobre, character recto e impolluto.

A.

Casou-se no dia 11 do corrente o nosso estimavel collaborador e amigo Pedro Rabello, chefe de secção da secretaria da Intendencia Municipal, com a Exma. Sra. D. Edwige Augusta Rodrigues Silva.

O *Album* deseja aos noivos todas as venturas de que são dignos.

Vem a pello noticiar que o noivo, poeta moderno e de fino quilate, vae proxicamente publicar os seus bonitos versos n'um volume, que se intitulará *Opera lyrica*, e sahirá dos magnificos prelos da Imprensa Nacional

## SÓ

Só, brutalmente só, lugubrememente ilhado  
Pelo oceano da Dor que brame ao pé de mim,  
Eu tenho a sensação asperrima, sem fim,  
Do nirvana final, do cahos inanimado!

Quando da inconsciencia onde immergi, consigo  
Com esforço arrancar um pensamento vago,  
Vejo-me a bracejar — naufrago em desabrigo —  
De trevas n'um enorme e tempestuoso lago.

E' então que eu comparo a minha solidão  
A' de um vulcão extinto em meio do Deserto :  
Sinto aos pés sem calor o areial movel, incerto,  
E a cratera do craneo, em cima, sem clarão.

Quanta desolação, quanta ruina, quanta  
Sombra, neste meu negro isolamento fundo!  
Emquanto em torno a mim o mundo inteiro canta,  
Resam-se dentro em mim os funeraes de um mundo!

MARTINS JUNIOR.

## COISAS MIUDAS

## I

## EXANGUE!

Eil-a, deposta do corpo que habitava, errante,  
perseguida, amortalhada nas dobras da penuria,  
em planicie infinda derramada, sem que lhe des-  
ponte a montanha, ao longe, amiga, promettedora,  
lylial, de amor fremente.

Vergada ao peso das culpas de seculos inenar-  
raveis, a nova Psyché encara o firmamento, volve  
os olhos ao barathro profundo e suspira a sua nun-  
ca acalmada anciedade.

— Brama! Fakires do Invisivel, auscultae ainda  
uma vez as palpitações deste incessante cogitar!  
Acaso os elementos, as forças, as fórmãs, o movi-  
mento não chegarão um dia a ceder o passo ao  
Summo Tranquillo que ha tanto espero?

O Azul empalideceu; a planura oscilla, ondeia e  
se contorce. O callido bafejo da noite sopra sobre  
a amplidão, onde apenas a luz dos olhos immate-  
riaes fuzila. Os trons dos Coeforos da Eternidade  
se volatisam em tenues symphonias, que vão, vêm,  
agitam o espaço, balouçam-se no ether e perdem-  
se no Orpheon das esphas

A filha dos Fakires contrae-se, então, no supre-  
mo esforço; os aditos se abrem; as vociferações  
succumbem e a combalida mensageira do Ignoto  
rue na treva e esvae-se no grande Nada. (1)

## II

## SICUT ERAT...

A Arvore theosophica e transcendental, onde o  
Unigenito em sua incomprehendida archi-angeli-  
tude protrae a secular victoria, refloresce; e as  
Harpas vivas desferem as eternaes hegemonias.

Dos hypogeus da historia então, no despertar do  
sonho virtual das coisas já vividas, a Meditação ao  
Intermino de transfigurados gestos ascende e san-  
tifica.

*Gloria, in excelsis, Deo!* Na Terra, aos Sabe-  
dores do Divino, paz, luz, celestiaes angustias!

Da sacratissima Ferida a nova agua lustral pro-  
mana, do entendimento; as caçoulas da castidade  
renascente os Anjos tomam; suspensos os turibulos,  
os Seraphins azues balouçam o incenso, suave ao  
calvarico sacrificio, e focalisam o ecliptico clarão  
da Raphaelesca Saudade. Illumina-se o Sobresalto  
do Amor e a sideral languidez do incomparavel  
Agno invade deliciosamente, lourdescamente, o Co-  
ração da Orpho-christandade.

*Gloria in excelsis!*

*In excelsis gloria!*

*Gloria! gloria! gloria!*

## III

## MOYSÉS A TERGO

O olho do proPHeta immobilisava-se telaesca-  
mente rembrandtnescamente, do monte Nebo ao  
cume, para moRRer, defronte de Jericó. O Senhor  
lhe aponta a Terra da Promissão, juRada a Abra-  
hã, a Isaac ea Jacob, e, plutonisando-lhe a vonTade  
pentateuquina, diz-lhe: — Tu a viste com teus olhos  
e nãO passarás a ella, ó invEntor da sarça ar-  
dente.

Aquella nota rubra, posta sobre o cume da moi-  
tanha, de hoMem fulmine-chifrudo, n'uma pose de  
bronse sonhado, prophetico, archiesculptural, pre-  
faciando o intRoibo da futura terra de Judá;  
aquella nota espectral cresce, avoluma-se, retrae-  
se, e desmancha-se: e Moysés morre por manDado  
do Senhor.

E como o sol se apaga, entardecendo, polvilhado  
de morcegos, assim o grande pyroteCHnico do Sinai,  
enxameado da curiosidade de Irael, volve o dorso  
michelanjesco aos postERos e... (3)

SERAPIÃO GORDO.

## NOTAS INDISPENSAVEIS

(1) Entenderam? Não; nem o Sr. Serapião que o escreveu.

(2) Que diabo de Unigenito é este? Harpas humanas, Arvore  
theosofica, Hypogeu de Historia, Sacratissima Ferida: não era  
melhor conservar a estas coisas os nomes proprios que lhe deram  
aquelles que tinham o direito de fazel-o? Olhe, Sr. Serapião; pre-  
firo o *santo lenho*, o *sagrado coração de Jesus*, as *tres Marias* ao

*pé da cruz*, a todas estas placas novas que me apresentam decadistas. Digo-lhe mais: nada me convence de que essa prosa torturada valha metade de uns versos como estes:

— « Meu menino está chorando;  
S. José, que hei-de fazer?  
— « Mande fazer as papinhas  
Para ver se quer comer.

— « Uma abane o fogareiro,  
Outra lave a panelinha,  
Uma vá bater os ovos,  
Emquanto eu sêso a farinha.

« Senhora, aqui tem a papa,  
Mas parece será pouca.  
Se elle, porém, não quizer,  
Metta-lhe o peito na bocca ».

— « Meu menino está chorando;  
Elle não chora de dor.  
Veio seu pae putativo  
E logo o acalentou.

S. José, que moda é esta?  
Largue o prato e a colher.  
Homem não vae na cosinha  
Onde ha tanta mulher ».

(3) Composição forte. Nephilbatismo portuguez. Quem incha esse estylo, entretanto, é ainda o sopro do poeta Guerra Junqueiro. O Sr. Serapião introduziu uma novidade nessa escriptura: — a letra maiuscula no centro do substantivo ou do epitheto chamado de reforço. Os vocabulos nestas condições tornam-se mais peripatheticos, attrahem a vista com mais intensidade e governam melhor o periodo sensacional. Exercem uma especie de ditadura lexicologica, em perfeita concordancia com as ideias do canon positivo. E já que fallei neste assumpto, devo aqui declarar aos meus amigos que o supra citado Sr. Serapião conspira no intuito de fazer proximamente uma prelecção publica sobre a syntaxe encarada em suas applicações á politica. Vi as notas que o talentoso moço pretende desenvolver no seu trabalho, e posso affirmar que a parte concernente á crase e á elyipse, figuras de syntaxe muito usadas pelos governos, é um primor de analyse e de arrojo philosophico. Março, 1895.

O licenciado,  
COSME VELHO.

## LAVAS FRIAS

Passas hoje por mim, serena e fria,  
Frio e sereno, passo hoje por ti...  
Nem teu olhar, ao ver-me, se annuvia,  
Nem o meu se turbou quando te vi.

Onde a antiga, romântica magia  
Que, ao ver-te a vez primeira, em mim senti?  
Esse estranho poder que te envolvia  
Num encanto de willis e de huri?

Todo eu tremia se te a mão tocava;  
Meu coração, precipite, pulsava  
Se te ouvia pulsar o coração...

Por ti vivia e tu por mim andavas  
Louca, louca de amor... Emtanto, as lavas  
Palpamos hoje... e rimos do volcão!

7 - 2 - 93.

VALERIO MENDES.

## BLACK

Leandrinho, o moço mais elegante e mais peralta do bairro de São Christovam, frequentava a casa do senhor Martins, que era casado com a moça mais bonita da rua do Páo-Ferro.

Mas, por uma singularidade notavel, tão notavel que a visinhança logo notou, Leandrinho só ia á casa do senhor Martins quando o senhor Martins não estava em casa.

Esperava que elle sahisse e tomasse o bonde que o transportava á cidade, quasi á porta da sua repartição; entrava no corredor com petulancia de guerreiro em terreno conquistado, e dona Candinha (assim se chamava a moça mais bonita da rua do Páo-Ferro) introduzia-o na sala de visitas, e de lá passavam ambos para a alcova, onde os esperava o thalamo aviltado por seus amores ignobeis.

A ventura de Leandrinho tinha um unico senão. Havia na casa um cãozinho de raça, um *bull-terrier*, chamado Black, que latia desesperadamente sempre que farejava a presença daquelle estranho.

Dir-se-ia que o intelligente animal comprehendia tudo, e d'aquelle modo exprimia a indignação que tamanha patifaria lhe causava.

Entretanto, o inconveniente foi remediado. A poder de caricias e de pandelós, a pouco e pouco logrou o afortunado Leandrinho captar a sympathia de Black, e este, afinal, vinha aos pulos recebendo á porta da rua, e acompanhava-o no corredor, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudiendo a cauda irrequieta e curva.

\*

As mulheres viciosas e apaixonadas comprazem-se na aproximação do perigo; por isso, dona Candinha desejava ardentemente que Leandrinho travasse relações de amizade com o senhor Martins.

Tudo se combinou, e uma bella noite os dous amantes se encontraram, como por acaso, n'um saráo do Club Familiar da Cancellia. Depois de dansar com elle uma valsa e duas polkas, ella teve o desplante de apresental-o ao marido.

Sucedeu o que invariavelmente succede. A manifestação da sympathia do senhor Martins não se demorou tanto como a de Black: foi fulminante.

Os maridos são por via de regra menos desconfiados que os *bull-terriers*.

O pobre homem nunca tivera diante de si cavalheiro tão sympathico, tão bem educado, tão insinuante. Ao terminar o saráo, pareciam dous velhos amigos.

A' sahida do club, Leandrinho deu o braço a dona Candinha, e, como « tambem morava para aquelles lados », acompanhou o casal até á rua do Páo-Ferro.

Separaram-se á porta de casa.



ABDON MILANEZ



O marido insistio muito para que o outro apparecesse. Teria o maior prazer em receber a sua visita. Jantavam ás cinco. Aos domingos um pouco mais cedo, pois nesses dias a cosinheira ia passear.

— Hei de apparecer, prometteu Leandrinho

— Olhe, venha quarta-feira, disse o senhor Martins. Minha mulher faz annos nesse dia. Mata-se um perú, e ha mais alguns amigos á mesa, poucos, muito poucos, e de nenhuma cerimonia. Venha. Dar-nos-á muito prazer.

— Não faltarei, protestou Leandrinho.

E despedio-se.

— E' muito sympathico, observou o senhor Martins mettendo a chave no trinco.

— E', murmurou seccamente dona Candinha.

Black, que os farejára, esperava-os lá dentro, no corredor, grunhindo, arranhando a porta, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

\*

Na quarta-feira aprasada Leandrinho embonecou-se todo e foi para casa do senhor Martins, levando comsigo um soberbo ramo de violetas.

O dono da casa, que estava na sala de visitas com alguns amigos, encaminhou-se para elle de braços abertos, e dispunha-se a apresental-o ás pessoas presentes, quando Black veio a correr lá de dentro, e começou a fazer muitas festas ao recém-chegado, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

\*

O senhor Martins, que conhecia o seu cão e sabia-o incapaz de tanta familiaridade com pessoas estranhas, teve uma ideia sinistra, e, como os dous amantes enfiassem, a situação ficou para elle perfeitamente esclarecida.

Não se descreve o escandalo produzido pela innocente indiscrição de Black. Basta dizer que, a despeito da intervenção dos parentes e amigos alli reunidos, dona Candinha e Leandrinho foram postos na rua a pontapés valentemente applicados.

O senhor Martins, que não tinha filhos, a principio soffreu muito, mas afinal habituou-se á solidão.

Nem era esta assim tão grande, pois, todas as vezes que elle entrava em casa, vinha recebê-lo o seu bom amigo, o indiscreto Black, saltando-lhe ás pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

ARTHUR AZEVEDO.

Agradecemos o amavel convite com que fomos obsequiados para assistir á sympathica manifestação que as corporações artisticas da Imprensa Nacional e do *Diario Official* fizeram ao Sr. senador Amaro Cavalcanti, auctor do projecto da lei que lhes augmentou 40 o/º aos magros vencimentos que percebiam.

## MISSAL

Vem já esta noticia um pouco demorada; entre ella e a promessa que della fizemos distam dous numeros do *Album*.

Mas a culpa não é nossa, e sim do proprio livro do sr. Cruz e Sousa. O *Missal*, apezar de suas pequenas dimensões, é um trabalho de leitura difficil; ninguem a leva ao cabo de uma assentada, ou mesmo de duas. Foi isso, pelo menos, o que aconteceu comnosco, que apenas conseguimos por emquanto vencer-lhe pouco mais de metade. Com tempo e vagar haveinos, porém, de chegar ao fim. Deus é grande!

E' que no *Missal* ha mais nervos que musculos. O *Missal*, mal comparado, é como certos bifes que dão mais a mastigar que a engolir.

Os bifes e os livros desse genero cançam muito e alimentam pouco.

Parece incrível, mas o *Missal* é um livro sem assumpto; é um corpo, já não digo só sem musculos, mas tambem sem esqueleto. Não se pôde ter de pé, e affecta no emtanto posições athleticas:

Falta-lhe tudo: falta-lhe alma, que é a ideia, falta-lhe destreza, falta-lhe graça, falta-lhe movimento, o que só se obtem com imaginação e propriedade de estylo; falta-lhe, emfim, o dom de convencer o leitor e conquistar-lhe a sympathia, o que em litteratura é sempre o resultado da sinceridade com que pintamos as nossas paixões e as nossas impressões.

O que lhe não falta são adjectivos de algibeira e phrases torturadas a canivete e retorcidas ao fogo; tão torturadas e tão retorcidas, que deixam de ser arte para ser unicamente caprichos de paciencia.

O peor, porém, é que não é preciso paciencia só para as escrever; é preciso ainda mais para as ler, porque atraz dessas complicadas chinezices não ha ideia, nem pensamento. São charadas sem decifração.

Os Goncourts, Flauberts e outros, torturam a phrase, é exacto, mas depois de ter tido o cuidado de lhe pôr dentro uma ideia.

Mas os caroços do Sr. Cruz e Sousa dão muito trabalho para os quebrar e não se encontra dentro a amendoa. São caroços vasios.

As suas phrases são o que se pôde chamar — phrases quebra-queixo.

\*

O *Missal* tem as suas flores de rhetorica, não ha duvida, mas são como essas flores de sola, imitando as naturaes. Serão muito trabalhadas, mas nós preferimos as verdadeiras ou que taes pareçam.

Assim como não se supporta um prato feito só de temperos, tambem não se vae ao fim de um livro em que falte a primordial substancia nu-

triente. E' o caso de responder ao Sr. Cruz e Sousa: O molho cá está, recebemos e provámos; pôde ser que sirva. Tenha a bondade de mandar agora a carne ou o peixe.

Isto para dizer que o *Missal* é um pretexto para fazer estylo, para fazer fôrma. Mas, como a fôrma é o vestido e a ideia é o corpo, o livro do sr. Cruz e Sousa representa uma collecção de vestuários enfileirados e expostos como n'uma casa de roupa feita.

E não affirmamos que a roupa seja sempre má ou velha: apenas faltam-lhe por dentro alguns braços, algumas pernas, alguns corpos, emfim, de carne e osso; d'esses que se movem, que gesticulam, que sentem, que fallam, que têm alma e sangue.

A roupa existe, falta agora quem a vista.

Quanto á forma, é preciso que o sr. Cruz e Sousa se convença de que bom estylo não quer dizer estylo difficil e complicado, mas sim precisamente o contrario. Quando, em qualquer phrase litteraria, se percebam o esforço e o trabalho que o artista poz em apromptal-a, essa phrase não presta.

A obra deve sempre parecer simples, natural e espontanea, ainda mesmo que muito trabalho tenha custado ao auctor, pois que nisso consiste a maior difficuldade da arte de descrever.

Em litteratura, creia, sr. Cruz e Sousa, tudo que não for sincero, simples e natural, é affectado e ridiculo. Só a simplicidade é verdadeiramente difficil e verdadeiramente grandiosa.

E' muito mais difficil reproduzir em boa aguarella, fielmente e singelamente, um grupo de rosas, do que fazel-as de couro, como ha pouco dissemos, ou de miolo de pão, ou de pennas, ou de conchas, porque a boa aguarella só pôde ser executada por um artista de talento, bem senhor da sua arte, ao passo que as rosas de couro ou do que quer que sejam, são obra de curiosidade, e com paciencia qualquer habilidoso as faz.

O mesmo se dá em litteratura.

\*

Toda a obra de arte, seja livro, quadro, partitura ou estatua, deve só e sempre ser a consequencia de um assumpto que impressionou o auctor; isto é: o proprio assumpto é a obra. A arte é o meio de dar-lhe corpo; nisso entra a unidade, urdidura e bom equilibrio de proporções; a fôrma, emfim, é o meio esthetico de fazer d'esse corpo uma coisa bella, correcta e seductora.

Inaginem agora que um pintor, por exemplo, recolhesse do seu *atelier* todos os estudos de detalhe que fosse encontrando, feitos por elle para a execução de diversos trabalhos: uma orelha, um nariz, um pedaço de perna, uma ruga de panno, um effeito de céu, o desenho de um tronco d'arvore, e que, reunindo tudo isso, formasse uma collecção a que desse um titulo geral.

Perguntamos: O pintor, mesmo se os seus detalhes fossem muito artisticos, teria feito com isso uma obra de arte?

Quer nos parecer que não. E é o que acontece com o Sr. Cruz e Sousa; tanto assim, que vamos resumir a nossa resposta á graciosa remessa do seu livro, o *Missal*, nas seguintes palavras:

— Vimos, meu caro senhor, a collecção dos seus variados exercicios de estylo e os seus estudos de pequenos detalhes de diversos assumptos. Promettem. Entendemos que V. S., com taes disposições, deve tentar uma obra de arte, que dará ao publico quando estiver concluida.

E cá estaremos nós promptos para applaudil-a. Ficamos á espera.

AMARANTE.

### ANTIGO THEMA

Não, não se acaba assim o amor tão simplesmente,  
Como a flor que esplandece apenas um só dia...  
O amor, festiva aurora, ingenita alegria,  
Que vibra dentro em nós, e canta doudamente!

Amas-me ainda e muito, o laço que prendia  
Ao meu, teu coração, não se desfez, que o sente  
A minh'alma que out'ora andava reverente,  
Ligada á tua voz de esplendida magia...

Portanto, é falsa, eu sei, a tua indifferença;  
Não podes esquecer-me; essa affeição immensa,  
O amor; deixou em ti a chamma germinante...

E mesmo has de sentir nos labios teus frementes,  
O eterno palpar dos meus beijos ardentes...  
Como fatal remorso, acerrimo e constante...

A. PERES JUNIOR.

### AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

V

— E... dize-me, interrompeu Lucio, meio contrariado, a castigar insistentemente o medalhão do relógio — dize-me: Carmen é litterata?

— Não tem nada d'isso. Ama a litteratura sem ser litterata.

— Faço-te esta pergunta, porque posso apreciar a litteratura de uma *litterata* que aborreça. E...

como a minha intenção é amar e casar-me depois com Carmen, quero saber com quem posso contar.

— E's injusto! Ha mulheres n'essas condições e que são exemplares.

— Por exemplo... as que se não casam e ficam para vestir santos. Dedico-me por inteiro ao progresso; alistei-me, de ha muito, sob esse grandiloquo pavilhão do seculo; mas... mas. não posso perdoar aos norte-americanos que, depois de absolverem o melhor de toda a emigração europèa, ainda querem desviar o instíncto do sexo, fazer, da mulher, homem. Quero a mulher que trabalhe, que calcule, que ordene, que dirija os seus estabelecimentos commerciaes, que aconselhe o marido, que trace planos, que conceba melhoramentos, que crie, que invente. A par de tudo isto, porém, quero que essa mulher se lembre de que a gloria por nenhuma d'essas veredas lhe virá. Quero que a esposa exclame: «o meu orgulho é ser amada; a minha gloria é ser mãe.»

— A *chapa*. de sempre. Agora repetirás, sem duvida, a resposta de Bonaparte á pergunta impertinente e vaidosa de Madame de Stael: «Qual a mulher mais celebre da França? inter-roga a applaudida autora de *Corina*; e o Hercules respondeu-lhe energicamente: «A mulher mais celebre de França será a que der mais filhos á republica.»

— Para fazel-os assassinar em sacrificio da ambição e do egoismo napoleónico; mas deixemo-nos assim de recordações historicas e de logares communs. Carmen é instruida sem ser pedante; agrada-me; deve comprehender melhor o marido que não for um ignorante.

— E os cuidados do padrasto não chegaram somente até ahí; foram além, isto é, a intelligencia de Carmen, propriamente, ultrapassou os limites do previsto. O coronel Blanco entendeu — e entendeu bem — que as bellas artes devem entrar em linha de conta na educação da mulher. Quando mais não seja, é um meio de alimentar-lhe o espirito com um elemento que a todo tempo lhe póde servir de lenitivo. Carmen, porém, não careceu de muito tempo para entrar no segredo da musica e da pintura. Aprendeu piano e canto de modo prodigioso; e, em horas em que a imaginação se lhe toma de vertigens, empunha a palheta. Não ha album em Montevidéo que não aspire á honra de receber a sancção do talento artistico d'essa moça. Tudo isso é um thesouro; Carmen é o verdadeiro diamante lapidado, em cujas facetas vêm reflectir todos os elementos de artes e sciencias que formam, por si, a esphera superior ou o paraíso do talento. A mais, pódes accrescentar o principal, a educação moral, como ha pouco te disse. O coronel Blanco entendeu, para muitos como homem excentrico, para mim como verdadeiro pae, que em face do mundo pratico devêra conduzir o espirito de Carmen de modo diverso ao até então empregado pelas familias. Desde criança, apresentou-se a entçada do militar

em plena sociedade. Murmurou-se por algum tempo: «E' imprudencia, — diziam — é muito criança para ir a bailes e a saráos.» O coronel fez ouvidos de mercador, combateu as pieguices de Dolores e seguiu, de ponto em ponto, o plano convictamente traçado de antemão e a cuja elaboração presidira a logica de um raciocinar amadurecido pela experiencia. A entrada de Carmen na sociedade, que a principio déra azo a objecções, mereceu de parte dos rapazes franco applauso. Bandos de imberbes, d'esses que saem dos collegios com a cabeça em vulcão e com o coração idiota, acercaram-se da moça. Principiou Carmen a ouvir a linguagem estranha das declarações. Gostava daquelle chilrear inoffensivo. Os olhos do coronel Blanco não se desviavam da enteada; estavam, como os de aguia que faz guarda ao ninho, suspensos sobre ella. A epoca da meninice, porém, passou, e Carmen, deitando corpo, desenvolveu pronunciadamente as fórmas, fez-se prematuramente mulher. Foi por essa occasião que o methodo de educação, imaginado pelo coronel Blanco, deveu entrar em execução. Assim succedeu. Apareceram os primeiros pretendentes; Blanco não os repellio; bem pelo contrario, fingia não dar por elles.

— E que fazia Dolores?...

— Aceitava por tabella a côrte que esses mesmos pretendentes lhe faziam para com mais probabilidade contarem com a sua protecção.

— Em resumo: *coquette* e não mãe!...

— Ora, ora! está sabido! N'estas coisas de educação não entraram, felizmente, conselhos de Dolores. Mas... continuando: o que o coronel desejava, era encontrar o verdadeiro pretendente á mão de Carmen, e nunca o encontrava.

— Era exigente...

— De modo nenhum! Era previdente. Um dia, explicou-me o seu procedimento. Dizia elle: ha duas classes de pretendentes, o sincero e o falso; e, para que o segundo não leve, como de ordinario se dá, vantagem sobre o primeiro, necessario se faz que os paes observem e guiem o espirito susceptivel e por demais impressionista da mulher recém-formada. O falso pretendente é, por consequencia, de character vaidoso, não isola nem a pessoa *querida*, nem a si mesmo da sociedade. Vae a uma reunião; lá o has de ver, rendendo finezas, sorrindo, gesticulando, colhendo, com phrases de antes preparadas, sorrisos que elle bem sabe que hão de cahir em proveito seu no sacco da opinião. E' egoista por natureza e por isso expõe a commentarios e a criticas a infeliz que lhe dá ouvidos. O pretendente sincero procede de outro modo, não prejudica a pessoa desejada, evita-a mesmo; faz o sacrificio de toda a sua vaidade; o que sente é por si e não para receber applausos do mundo fallador e intrigante. Ora, o que se dava com a filha de Dolores era positivamente isto: todos os pretendentes eram falsos. Era por esta subida rasão de alcance, que, dia por dia, Carmen ouvia dos labios do pa-

drasto a desillusão de tudo quanto lhe haviam na vespera segredado os seus galanteadores. O que o coronel esperava veio mais cedo. Carmen substituiu o sorriso da ingenua pelo da incredula. Principiou a divertir-se á custa dos adoradores. Blanco procedia como os botanicos: rosas ou urzes que encontrava, a cada passo da entçada, levantava-as, e, aos olhos da moça, explicava a proximidade que existe entre o mundo physico e o moral.

— Faria bem o coronel?...

— Sem duvida, porque preservou da descrença o espirito de Carmen.

— D'ahi... grande modificação no modo de ver a sociedade...

— Como era natural. De então, o espirito da moça distanciou-se a pouco e pouco do de Dolores. N'uma rapida ascensão, o bom senso substituiu a frividade mulheril; tudo isso, porém, do modo mais natural e sem destoar no grupo das *senoritas* da mesma idade. Por uma procedencia fatal, Carmen passou a ser juiz em todos os actos da mãe. Quantas vezes lhe ha de haver censurado faltas de *coquette*! Quem sabe lá! E, como é de prever, o sentimento filial dirigio-se mais para o coronel Blanco. Carmen ama com enthusiasmo o padrasto e, quando muito, respeita a mãe.

— E é causa d'isso a enorme distancia que vae do espirito de Carmen ao de Dolores.

— E a mais a grande falha que existe na educação moral da mulher de Blanco. Quando entre dous entes ha semelhante disparidade, é desnecessario buscar a cohesão entre duas almas experimentadas em meios diversos e meios oppostos.

— Queres dizer, n'esse caso, que essas duas mulheres não se amam!...

— Não affirmo tanto. Em minha opinião Carmen respeita a mãe, e Dolores, sem comprehender o grande valor da filha, estima-a apenas porém d'esse sentimento frio que medeia entre o amor e o indifferentismo, o direito de posse e o direito de abandono.

— E o coronel Blanco não observa, não dá pela negligencia da mulher?

— Sem duvida que sim, mas até no silencio o coronel mostra o bom senso que possui. Se fizesse observações, podia muito bem ser que Dolores se revoltasse e, por capricho ou contradicção, se propozesse a destruir a grande obra do marido. Por isso, a pouca importancia que a mulher dá a todos os desvelos de Blanco entrou no plano da educação como grande elemento. Hoje, para nada teriam influencia as intervenções maternas. Os principios que regulam a vida de Carmen estão baseados em san experiencia. A esta moça aconteceu o que a poucas succede: aprendeu na sociedade a pratica do que o padrasto, em theoria, lhe ia aconselhando. A verificação convenceu-a completamente. Por isso, ama dedicadamente o coronel.

— Em resumo — disse Lucio como quem se dispunha a concluir e mostrando-o no meneio do corpo

que acompanhou a phrase — Carmen tem, na tua opinião, uma educação e umas theorias capazes de fazer da mulher mais vulgar, um ente exeimplar, o *non plus ultra* mettido em saias!...

— De accordo, embora perceba que não és da minha opinião.

— Acho-a boa, excellente mesmo em muitos pontos. N'outros, porém, parece-me um tanto puritana. Afinal de contas, meu caro, a nossa Carmen serve para escarnecer de todos os pretendentes, para os desgostar... e depois... para *tia* ou para freira ou para irman de caridade, que é sempre aonde vão ter as mulheres que não satisfizeram aspirações.

— Exageras! Carmen ha de amar com extremo no dia em em que o homem que for digno d'ella provar que o sentimento excede ás apparencias. Tu, que estás n'essas condições, poderás ser o eleito. O conselho unico que te daria, se o necessitasses, seria este: o amor não se prova com banalidades.

E logo tomando ares de quem desejava terminar alegremente a conversação um tanto prolongada, accrescentou:

— Como dizia um heróe portuguez ao filho que partia para a campanha das Indias: « Filho, eu ponho-te no caminho da honra; em ti está agora o ganhal-a ».

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## THEATROS

O theatro Sant'Anna encheu-se terça-feira despropositadamente. Havia para isso tres poderosos motivos: 1º, era a *reprise* da peça phantastica a *Tentação*, magnifico trabalho de Augusto de Castro; 2º, fazia beneficio o Mattos, um dos nossos actores mais conhecidos e mais estimados; 3º reaparecia a Sra. Leonor Rivero, que gosa nesta terra de uma inexplicavel popularidade.

A representação correu bem, e o beneficiado, que conta numerosos amigos e admiradores, foi, como sempre lhe acontece nestas occasiões, muito obsequiado e applaudido.

A *Tentação*, um dos grandes *successos* do Sant'Anna, tem agora os mesmos attractivos que na primitiva; Mattos, Colás e outros artistas conservaram os seus papeis.

\*

A companhia Ismenia dos Santos voltou de Juiz de Fóra, e reinaugurou os seus trabalhos no theatro das Variedades, representando a *Filha de Fanchon*. O papel da protagonista é agora desempenhado pela Sra. Lopiccolo.

X. Y. Z.